

ROTEIRO ARQUEOLÓGICO DE VIANA DO CASTELO



LOCAIS A VISITAR

- 1 Mamoa de Afife
- 2 Mamoa da "Neivatex"/Dolmen da Pedreira
- 3 Gravuras de Montedor
- 4 Castro e Castelo do Monte da Guilheta
- 5 Citânia de Santa Luzia
- 6 Castro S. Silvestre
- 7 Cidade de Afife
- 8 Igreja Paroquial de Santa Maria de Geraz do Lima
- 9 Igreja das Almas
- 10 Ponte de Tourim
- 11 Igreja de S. Cláudio
- 12 Igreja Paroquial St.ª Leocádia
- 13 Hospital Velho
- 14 Igreja Matriz
- 15 Casa dos Nichos
- 16 Castelo de Santiago da Barra
- 17 Forte de Paçô
- 18 Fonte de Mergulho Abelheira
- 19 Fornos Telheiros
- 20 Moinhos de Montedor





Introdução

Possuindo condições naturais privilegiadas, com um subsolo rico em matérias-primas e abundância de terrenos férteis e bem irrigados, a área geográfica abrangida pelo Concelho de Viana do Castelo foi desde muito cedo palco de uma intensa ocupação humana que ao longo de milénios foi moldando a sua paisagem.

Frequentada na Pré-História por grupos nómadas de caçadores-recolectores, a região vianense assistiu à progressiva sedentarização das primeiras comunidades agro-pastoris do Neolítico e à hierarquização social que acompanhou a descoberta da metalurgia.

Na Idade do Ferro, viu os seus montes polvilharem-se de povoados fortificados e já no início deste milénio, sentiu as profundas alterações produzidas pelo processo de romanização da Península. Foi testemunha activa do declínio do Império Romano e da progressiva “barbarização” da Europa que marcou o início da Idade Média. Acolheu Suevos e Visigodos, resistiu às contrariedades das incursões árabes e desempenhou um papel fundamental durante a reconquista cristã, verdadeiro cadinho responsável pelo nascimento dos novos reinos peninsulares. Depois da independência, esteve sempre presente nos grandes momentos da nossa História, tendo participado de uma forma intensa e efectiva nessa verdadeira aventura colectiva dos portugueses que foi a Expansão.

Desses tempos e dessas gentes, foi ficando um vasto e riquíssimo património histórico-arqueológico que a poeira dos séculos se encarregou de preservar. Protegê-lo é uma obrigação colectiva.

António Cunha Leal



AFIFE

Mamoia de Afife

É um dos mais importantes monumentos megalíticos do Norte de Portugal caracterizando-se, especialmente, pela sua proximidade do mar. Durante a década de 80, foi alvo de várias campanhas de escavação orientadas por Eduardo Jorge Lopes da Silva, que puseram a descoberto este monumento funerário de corredor indiferenciado, atribuível ao período calcolítico. Além do túmulus, composto por uma couraça pétreia que reveste a cobertura de terra, conserva ainda grande parte da estrutura que formava a câmara/corredor. Nos esteios encontram-se gravuras rupestres representando motivos geométricos e zoomórficos, bem como vestígios de pinturas a ocre. Os monumentos deste tipo, também conhecidos por Dólmenes ou Antas, eram túmulos de enterramento colectivo, que se desenvolveram desde o Neolítico Pleno até ao Bronze inicial, ou seja, sensivelmente do 5.º ao 2.º Milénio antes de Cristo. As escavações realizadas na Mamoia de Afife permitiram a recolha de várias pontas de seta e lâminas de sílex

e quartzo, machados de pedra polida e alguns fragmentos cerâmicos, materiais que “grosso modo” se podem classificar como Neolíticos, mas que perduraram até ao início da Idade dos Metais.





S. ROMÃO DO NEIVA

Monumento funerário megalítico de tipo câmara - corredor, atribuível ao período Calcolítico.

A câmara e a cobertura, formadas por grandes esteios de granito, alguns dos quais com decoração zoomórfica e geométrica obtida através da picotagem, encontra-se em muito bom estado, em resultado da musealização a que foi submetida. Na altura em que foi encontrada tinha de comprimento 7,3 m, de largura máxima 4 m e junto á cabeceira 1,63 m.

Junto ao Dólmen foi encontrada uma cista de planta trapezoidal também atribuível ao período Calcolítico, coberta com laje e com cerca de 1,1 m de comprimento, 1,3 de largura máxima e 0,9 de largura mínima.

Mamoã da “Neivatex”







Gravuras de Montedor

CARREÇO

3



No litoral Norte do concelho de Viana do Castelo, concretamente nas freguesias de Areosa, Carreço e Afife, concentra-se um dos maiores conjuntos de gravuras rupestres do Noroeste Peninsular, distribuídas por numerosos núcleos, dos quais destacámos os da Laje da Churra, Fraga da Bica e Praia de Formelos. Os motivos insculturados, vão desde os motivos geométricos aos zoomorfos e antropomorfos. A variedade das insculturas, por não se relacionarem com um contexto arqueológico seguro, não nos permitem datações conclusivas, apesar do facto de se encontrarem paralelismos com os motivos gravados e insculturados nos esteios de dólmenes, permitirem pensar que estas gravuras poderão remontar ao Calcolítico e estender-se pela Idade do Bronze, até à Idade do Ferro.

Sobrepostas às gravuras originais, aparecem por vezes gravações medievais ou posteriores, principalmente cruciformes, que terão servido como forma de cristianização destes "santuários pagãos", como é o caso do núcleo da Fraga da Bica.

CASTELO DO NEIVA

Povoado fortificado da Idade do Ferro, com indícios de romanização, localizado no Monte de Moldes, em Castelo do Neiva, possui um sistema defensivo composto por cinco linhas de muralha em pedra, que era reforçado, na vertente nascente, com torreões que se distribuíam estrategicamente ao longo do terreno. No interior do recinto fortificado, em sucessivos patamares, distribuía-se as habitações de planta circular e rectangular; algumas com vestíbulo e separadas por ruas lajeadas.

O espólio conhecido é rico e variado e dele constam, além dos habituais fragmentos de cerâmica comum da época romana, castreja e medieval, muitos outros elementos dos quais destacámos pela raridade, os capacetes e copos de bronze aparecidos com as terraplanagens para a construção de uma casa no sopé do povoado, bem como algumas moedas de época do imperador Augusto, que sugerem que terá sido por volta da mudança da Era, entre o séc. I a.C. e o séc. I d.C., que o povoado conheceu o seu apogeu, não se sabendo, contudo, a data precisa do fim da ocupação romana do local.

Castro e Castelo do Monte da Guilheta (Moldes)





No cabeço mais elevado do monte, existem ainda os entalhes do assentamento da antiga torre de menagem de um castelo que foi “cabeça” da Terra de Neiva. Importante na acção da reconquista, numa região frequentemente assolada pela pirataria e pelas incursões árabes, o Castelo de Neiva teve um papel relevante na preparação da batalha de S. Mamede (1128), momento crucial para o processo de independência de Portugal. A reorganização administrativa dos finais do séc. XIV, bem como o facto de ter sido uma das fortalezas minhotas que “levantou voz” por D. Beatriz contra o Mestre de Aviz, futuro rei D. João I, foram os principais responsáveis pelo progressivo declínio do castelo, até à sua total desactivação já na primeira metade do séc. XV.







Citânia de Santa Luzia

STª MARIA MAIOR/AREOSA



A Citânia de Santa Luzia, conhecida também localmente como “Cidade Velha”, é um dos mais conhecidos povoados da Idade do Ferro e da Romanização do Noroeste Peninsular, tendo sido seguramente, a sua posição estratégica, com um enorme domínio visual sobre a paisagem, uma das principais razões do seu desenvolvimento.

Apresenta um sistema defensivo formado por três ordens de muralhas, reforçadas com dois fossos intermédios e um torreão. No interior do recinto fortificado, apresenta uma solução urbanística marcada por ruas rectilíneas que se entrecruzam e à face das quais se distribuem habitações de planta circular, elíptica e rectangular; apresentando algumas delas um característico aparelho poligonal, tendo algumas das casas um vestíbulo ou “caranguejo” onde podemos encontrar, por vezes, fornos de cozer pão.

O espólio conhecido parece indicar que embora o local fosse já habitado desde os inícios da Idade do Ferro, o grande desenvolvimento

do povoado se deve ter dado nos primórdios da romanização da região, tendo mantido uma ocupação pelo menos até ao séc. V, como o comprova o aparecimento de um pequeno tesouro monetário com peças cuja datação varia entre 330 e 408 d.C.



CARDIELOS

Castro de S. Silvestre

Povoado fortificado da Idade do Ferro, localizado no esporão mais meridional da Serra de Perre, com grande domínio visual sobre o vale do Lima.

Trata-se de um antigo habitat castrejo, de médias dimensões, defendido por três ordens de muralhas, no interior das quais se fixavam habitações com planta circular e rectangular.

Do espólio, constam um abundante numero de fragmentos de cerâmica castreja feita à roda, fragmentos de cerâmica romana, tégulas e ím-brex.





Cidade de Afife

AFIFE

7



Povoado da idade do ferro com fortes indícios de romanização, localizado na vertente setentrional da Serra de Santa Luzia e sobranceira ao Rio Âncora.

O povoado, defendido por uma muralha em pedra, apresenta no interior do recinto fortificado arranjo urbanístico composto por várias canalizações, recolectores de águas, fonte de mergulho, pias em pedra, pátios lajeados e vários conjuntos de habitações circulares e rectangulares.

Do espólio, além dos inúmeros fragmentos de cerâmica castreja e cerâmica comum da época romana, conhecem-se algumas moedas romanas, mós manuais, cossoiros, pesos de tear, fíbulas, prisões de gado e objectos metálicos.

Junto à estrada de acesso, há um penedo com gravuras, cujos motivos decorativos se enquadram no grupo "Galaico-Português com representação de círculos concêntricos e conjuntos de dois círculos envolvidos por um sulco informe.

GERAZ DO LIMA (ST^a MARIA)*Igreja Paroquial de Santa Maria de Geraz do Lima*

Durante as obras de ampliação e restauro desta igreja paroquial, foram detectados vários vestígios arqueológicos, sendo de realçar duas epígrafes medievais, uma delas datada de 1173 referente à (re)edificação da igreja, cuja anterioridade está documentada por vários fragmentos de janelas geminadas, rematadas por arcos “em ferradura”, bem ao gosto moçárabe, que deverão corresponder à primitiva igreja pré-românica. Na sequência destes achados, a Câmara Municipal de Viana do Castelo, através do seu sector de arqueologia, iniciou uma escavação de emergência que permitiu a recolha de valiosos elementos arqueológicos e numeroso espólio.

Foram exumadas cerca de meia centena de sepulturas, correspondentes a diversas fases, que se estendem desde o século VI até aos finais da Idade Média, entre as quais se destaca um imponente sarcófago em granito com tampa decorada “em estola”.





Além destas estruturas funerárias, foram também postos a descoberto vários muros medievais e um trecho muito limitado do que restou de uma casa de planta circular; correspondente a uma ocupação de finais de época castreja.

Entre o espólio recolhido contam-se mais de mil fragmentos cerâmicos de várias épocas, desde a fase final da Idade do Ferro até à Baixa Idade Média, destacando-se um grande número de cerâmicas da época romana, muitas delas de importação.

Na Igreja Paroquial, foram mantidas "in situ", não só por uma porta medieval, como também algumas sepulturas, tendo um dos compartimentos que ladeiam a capela-mor aproveitado para a instalação de uma pequena exposição que alberga o espólio exumado durante as escavações arqueológicas aqui realizadas.



SANTA MARIA MAIOR

Igreja das Almas

Foi a primeira Matriz de Viana, até à construção da actual Sé Catedral, dentro do perímetro muralhado, em meados do século XV. Conhecida tradicionalmente por Matriz Velha, passou a chamar-se Capela das Almas pelo facto de o seu adro ter sido local de enterramento até finais do século XIX. Da estrutura primitiva do século XIII, reedificada e acrescentada em 1719, por acção do cônego Domingos de Campos Soares, conheciam-se um arcossólio na parede sul do templo e a cruz de cabeceira, sendo no restante um edifício típico dos pequenos templos do barroco setecentista. A recente intervenção arqueológica permitiu trazer à luz as paredes norte e sul com frestas de estilo românico, o que possibilitou a compreensão da planta de época medieval, que assenta sobre uma estrutura anterior, provavelmente de um templo al-timedieval.



Ponte de Tourim

AMONDE

10



As origens da Ponte de Tourim confundem-se no tempo. Esta ponte, que possui ainda parte das suas fundações romanas, foi reconstruída na época medieval, tendo feito parte integrante de um dos mais importantes "caminhos de Santiago", trilhado por milhares de peregrinos e fundamental para o desenvolvimento económico desta região. A construção que hoje encontramos data, no entanto, da época Moderna, altura em que terá sido totalmente reformulada. Arquitetónicamente, é uma ponte em cavalete, com arco único de volta perfeita, aduelas regulares, parapeitos em cantaria e tabuleiro empedrado apresentando, na parte central do tabuleiro, uma cruz assente sobre uma base paralelepípedica.

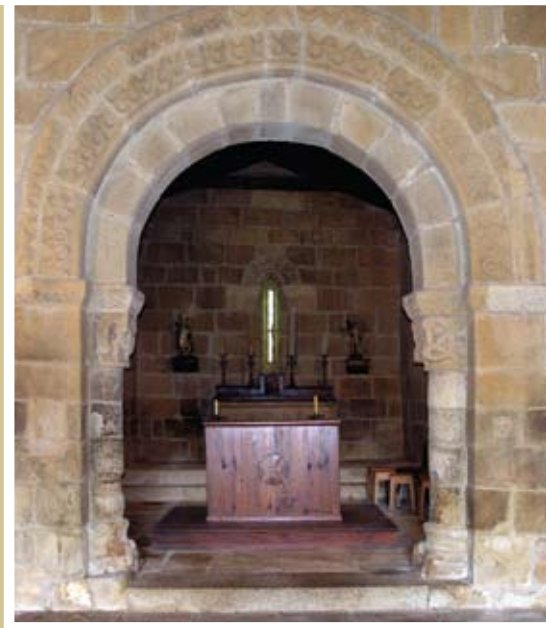
NOGUEIRA

Igreja de S. Cláudio

Esta igreja de um antigo mosteiro beneditino, classificada como Monumento Nacional desde 16 de Junho de 1910, é um notável exemplar de arquitectura românica, salientando-se pela diversidade de soluções decorativas que apresenta, reflexo de sucessivos restauros e ampliações que ao longo dos tempos foi sofrendo.

Tendo uma planta bastante comum, com uma única nave, encabeçada por uma capela-mor em forma de rectângulo alongado, esta igreja apresenta soluções arquitectónicas muito sóbrias, com três portais sem colunas e uma gramática decorativa que, à excepção dos cachorros, apresenta paralelismos com a região bracarense, concretamente com as igrejas de Bravães, Arões e Sé de Braga. Além da "cachorrada", bastante expressiva e denotando influências galegas, destaca-se ainda o tímpano da porta principal, decorado com uma cruz vazada ladeada por dois zoomorfos, bem como uma epigrafe que refere o ano de 1201 como data em que o templo foi sagrado pelo Bispo de Tui, D. Pedro.

Embora se desconheça o momento preciso da edificação desta igreja conventual, várias inscrições referindo as datas de 1082, 1145 e 1183, bem como alguns pormenores decorativos do arco-cruzeiro, com arremedos de arte moçárabe, parecem querer dizer-nos que existiu um outro edifício, anterior àquele que o Bispo de Tui sagrou nos alvares do séc. XIII. Também a época gótica terá sido responsável por algumas modificações que a igreja sofreu, nomeadamente ao nível da nave e da capela-mor e que se encontram documentadas por uma grande quantidade de siglas dessa época. A estas sucessivas transformações não terá sido alheio o enorme desenvolvimento que a Bacia Limiana sofreu na Idade Média e que foi responsável pelo aumento do poder económico dos Mosteiros, permitindo-lhes a construção de novos templos ou a ampliação dos existente.





GERAZ DO LIMA (ST^a LEOCÁDIA)*Igreja Paroquial de St.^a Leocádia*

Apresenta uma fachada do séc. XVIII emoldurada por pilastras encimadas por pináculos. Da cornija, entre os pináculos, saem as volutas que amparam um nicho, rematado por cruz, que interrompe o frontão. É flanqueada por uma torre sineira, com três pisos rematada por uma balaustrada. A sua origem remonta a épocas mais recuadas, uma vez que no seu interior foram encontrados frescos de feição medieval.



Hospital Velho

SANTA MARIA MAIOR

13



As peregrinações a Santiago de Compostela, eram viagem quase obrigatória que todos os Católicos tinham que empreender, na Idade Média, pois segundo a lenda, quem não efectuasse esta viagem em vida estaria condenado a ter que efectuar depois de morto. Com o movimento de peregrinos, foram surgindo ao longo do caminho para Santiago, um grande número de albergues e hospitais, com a finalidade de lhes prestar assistência.. O Hospital Velho de Viana do Castelo, terá tido a sua origem precisamente como estrutura de apoio aos viajantes que ali podiam descansar, tomar uma refeição e pernoitar em segurança.

SANTA MARIA MAIOR

Sé Catedral (Matriz)

A Sé de Viana do Castelo, embora apresente uma estrutura maciça bem ao gosto da arquitectura românica, é sem dúvida uma obra influenciada pela estética gótica, tendo a sua construção sido iniciada nos alvares do séc. XV.

Com uma planta constituída por três naves atravessadas por um transepto, ostenta uma imponente fachada, composta por duas torres que ladeiam o corpo central, no qual está implantado o portal principal, encimado por uma rosácea.

Os Torreões são rematados por merlões chanfrados, apoiados num friso de cachorros bastante expressivos e ligados entre si por arcos em volta perfeita.

O Portal apresenta um arco ogivado recortado por três arquivoltas profusamente decoradas, que são suportadas por seis esculturas que representam outros tantos apóstolos (S. Pedro, S. Paulo, Santiago, S. João, S. Bartolomeu e Santo André). Este portal, tanto a nível estrutural como temático, denota certas afinidades com

os portais galegos, nomeadamente com o da Igreja de S. Martin de Noya.

Nas imediações da Sé, são visíveis várias construções medievais, com realce para a chamada "Casa dos Velhos", que constitui um belíssimo exemplar da arquitectura portuguesa da época da "Expansão", à qual o desenvolvimento do burgo vianense está intimamente ligado. É um edifício de dois pisos, com uma "loggia" formada por três arcos ogivais bastante abatidos, sobre os quais assenta o piso superior; que é iluminado por duas janelas semelhantes às da catedral galega de Tui. Na fachada principal, encimando o arco, pode ver-se um expressivo brasão da família dos "Velhos", bem como dois cachorros colocados ao nível do piso superior; que deveriam ter servido para sustentar um alpendre de protecção à entrada do "loggia".





SANTA MARIA MAIOR

Casa dos Nichos

Este edifício, devido a presença das duas esculturas em alto-relevo que ornamentam a fachada, que fica virada para a Rua de Viana, é conhecido por “Casa dos Nichos”. Também existe popularmente quem lhe atribua o nome de “Casa dos Mareantes”, por poder ter sido a sede desta confraria, mas tal facto ainda não está documentalmente comprovado.

Trata-se de uma construção com alguns elementos arquitectónicos que denunciam uma primitiva casa do séc. XV, que terá sido reformulada, entre o séc. XVI e o séc. XX.

Podemos considerar como elementos da construção primitiva, do séc. XV, os dosseletes góticos da fachada principal, já a janela chanfrada, virada para a Viela da Cova da Onça, datará do séc. XVI.

Os elementos escultóricos da fachada podem ser interpretados como uma representação da Anunciação, uma vez que do lado direito da fachada temos a representação da Virgem, enquanto do lado esquerdo está o Anjo Gabriel.





Fundem-se aqui duas tradições dos apócrifos: a de que a Virgem foi surpreendida pelo Anjo quando se dirigia para a fonte e a de que estava nessa altura em oração, porque se figura a Virgem lendo um livro (de orações) junto de uma bilha (de água) de onde emerge uma flor: Na mão, segura uma maçã, segundo uma interpretação que faz dela a nova Eva, vencedora do pecado original, ou um ovo, interpretação que a identifica com a Senhora do O. O Anjo, de asas plenamente abertas, segura na mão um dístico em caracteres góticos com as primeiras palavras da Anunciação: Ave Maria.

Neste edifício foi recentemente inaugurada uma extensão educativa para a área de arqueologia, onde é possível efectuar uma viagem virtual ao património arqueológico do concelho e ter contacto com algum do espólio do acervo do Museu Municipal.



MONSERRATE

Castelo de Santiago da Barra

Embora se pense que a primeira fortificação construída com o objectivo de defender a barra de Viana, terá sido contemporânea de D. Afonso III, a mais antiga estrutura que ainda é visível é a torre da Roqueta. Esta, foi construída no século XV, tendo a obra terminado no reinado de D. Manuel I, razão pela qual tem, na fachada, as armas deste monarca. É defendida por uma mais recente, a muralha ou baluarte "sebástico", mandada construir, como o nome indica, por D. Sebastião.

O Forte militar de planta poligonal com muralhas de perfil trapezoidal, reforçadas por baluartes triangulares, guaritas de planta circular e fosso, foi mandado construir durante o reinado de Filipe I. A entrada principal na fortaleza faz-se por meio da ponte larga sobre o fosso, conduzindo a um portal de arco de volta perfeita, ladeado por pilastras que são encimadas pelo brasão de D. João de Sousa (Governador da Praça de Viana em 1700) e rematando, na cornija, com as Armas de Portugal.

No interior, encontra-se o edifício principal, de planta rectangular alongada, com três portais, tendo o do centro, além dos habituais adornos arquitectónicos, o escudo real. Do lado norte, encontra-se a Capela de Santiago da Barra, antiga capela Snata Catarina, com capela-mor rectangular, frontispício terminado em empena e com torre sineira no lado direito. Junto a esta, encontra-se o antigo paiol, um edifício de planta quadrangular, com portal de volta perfeita e empena triangular.



Forte de Paçô

CARREÇO

17

Este interessante exemplar da arquitectura militar seiscentista, localiza-se na freguesia de Carreço, a norte do Farol de Montedor; foi construído para suster possíveis ataques espanhóis durante as guerras da Restauração (1640-1668). Fazia parte de uma linha defensiva estrategicamente colocada nas margens do rio Mino e ao longo da Costa Atlântica, conseguida através da remodelação de antigas fortificações, casos dos Castelos de Valença, Vila Nova de Cerveira e Santiago da Barra (Viana do Castelo), ou a

edificação de novos fortes como os de Lobelhe (V.N. Cerveira), Insua (Caminha), e Vinha (Areosa), entre outros.

Algumas destas fortalezas tiveram um papel importante, não só na guerra da Restauração, como também durante as invasões napoleónicas, tendo sido por vezes reactivada a sua função militar estratégica nas lutas liberais do séc. XIX.

Implantada em plena praia, a poucos metros do mar; que no Inverno chega a tocar nas suas muralhas, esta fortaleza de Paçô, em conjugação de esforços com os vizinhos fortes do Cão (Âncora) e Vinha (Areosa) evitaria o desembarque de tropas inimigas numa zona onde a costa se apresenta bastante permeável.

Desde 24 de Janeiro de 1967, que este forte se encontra classificado como Imóvel de Interesse Público.



SANTA MARIA MAIOR

O abastecimento de água potável, foi desde épocas recuadas, uma das principais preocupações do ser humano. Se inicialmente se abasteciam nas pequenas nascentes, nos ribeiros e nas marmitas e poças naturais que se enchiam com a água das chuvas, com a complexização das sociedades e conseqüente crescimento dos povoados, as populações sentiram necessidade de criar pontos de reserva e abastecimento de água. As fontes, alimentadas por vezes por aquedutos, são desde a época romana a forma mais segura e eficaz de levar água aos aglomerados populacionais. As cisternas dos castelos resultam desta preocupação, assim como a proliferação de fontes pelas vilas e cidades medievais.

Esta Fonte de Mergulho da Abelheira, freguesia de Santa Maria Maior, é uma construção complexa, que se deveria inserir no seio de uma comunidade desenvolvida e numerosa. Na intervenção arqueológica que a recuperou e colocou a descoberto, foram encontrados materiais que se enquadram entre os séculos XVI e XVIII.

Fonte de Mergulho da Abelheira



Fornos Telheiros

ALVARÃES

19



A documentação atesta a existência de fornos de fabrico de telha na freguesia de Alvarães desde o séc. XVI, mas é quase certa a sua anterioridade, pois há indícios de ter sido aqui que se fabricou alguma da telha que cobriu o Mosteiro da Batalha. A propensão desta freguesia para o fabrico de materiais cerâmicos, justifica-se pela grande quantidade de jazidas argilosas que possui, cuja qualidade é comprovada pelo facto de num passado ainda recente, virem industriais de Leiria e Alcobaça comprar barro à freguesia de Alvarães.

Os actuais fornos são bastante recentes, construídos em finais do séc. XIX, tendo-se mantido em laboração até meados do séc. XX. Com o decorrer implacável do tempo e a progressiva industrialização do sector, os fornos foram sendo desactivados, até serem definitivamente abandonados na segunda metade do século passado. Numa acção concertada entre a Câmara Municipal de Viana do Castelo e a Junta de Freguesia de Alvarães, foi restaurado um destes fornos, com vista ao seu aproveitamento turístico e principalmente pedagógico, dado esta actividade artesanal se encontrar praticamente extinta.





Moinhos de Montedor

CARREÇO

20



Bastante mais recente do que o moinho de água utilizado já na Grécia Clássica, o moinho de vento parece ter sido inventado na Pérsia por volta do séc.VII d.C., embora as referências seguras sobre a sua existência sejam já do séc. X. A sua difusão na Europa, deu-se durante a Idade Média, talvez pelos sécs. XII/XIII, embora a sua generalização só tenha acontecido nos finais da época medieval, concretamente a partir do séc. XV.

Os moinhos de Montedor, classificados como Imóveis de Interesse Público, são constituídos por uma estrutura circular em “torre”, encimada por uma cobertura cónica que excede o diâmetro do edifício, formando um pequeno beiral. Como é usual nos moinhos de vento do Norte de Portugal, a adaptação do velame à direcção dos ventos faz-se através da rotação do tejadilho do moinho, que gira sobre o “corpo” do edifício, manejado através de uma comprida haste à qual se dá a designação de “rabo”. Um

destes moinhos, conhecido por “Moinho do Marinheiro”, foi um dos últimos a funcionar com um velame constituído por quatro velas trapezoidais de madeira, dispostas em cruz, outrora típico da faixa litoral compreendida entre os rios Minho e Lima.

Junto a este exemplar, encontra-se um outro, conhecido por “Moinho de Cima”, que originalmente deverá ter tido velame semelhante ao “do Marinheiro”, mas que na sua fase mais recente já possuía velas triangulares de pano, comuns à generalidade dos moinhos de vento da Europa do Sul. Mais acima e já muito próximo do Farol de Montedor, está o “Moinho do Petisco”, que conserva intacta a sua traça original, mantendo operacional o seu sistema de moagem.

FICHA TÉCNICA

Coordenação

António Cunha Leal

Pesquisa, textos e fotografia

Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo

Edição

Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2008

Design

Rui Carvalho

Impressão

Gráfica Casa dos Rapazes

Tiragem

10 000 exemplares







Programa
Operacional da Cultura



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional